

## De crítico literário a pensador social: A busca de Sérgio Buarque de Holanda por uma atualização da cultura brasileira

**Bárbara Domingos\***

**Resumo:** *Este trabalho tem como objetivo criar um diálogo entre as críticas literárias e os textos historiográficos de Sérgio Buarque de Holanda publicados nas décadas de 20 e 30, onde o autor ao discutir a arte e a sociedade, de formas distintas, como crítico literário e pensador social, mantém o argumento de que para o Brasil se tornar um país moderno precisa atualizar a sua cultura respeitando as próprias tradições e acabar com a importação de idéias estrangeiras. Como crítico e integrante do Movimento Modernista, Sérgio Buarque acredita que o Brasil só se tornará moderno e terá uma cultura autêntica ao se inspirar em assuntos nacionais. Busco analisar a posição de Sérgio Buarque diante do projeto de tornar o Brasil um país moderno através da atualização da cultura brasileira e dos impasses que impediam a concretização dessa modernidade.*

**Palavras-chave:** *Sérgio Buarque de Holanda, Modernismo e cultura brasileira*

**Abstract:** *The aim of this paper is to create a dialogue between the literary critic and the historiography texts of Sergio Buarque de Hollanda, published in the 20s and 30s. In these texts the author discusses art and society in different ways, as literary critic and social thinker. He sustains the idea that Brazil will only become a modern country updating its culture and respecting its own traditions, without the import of foreign ideas. As a critic and member of the Modernist Movement, Sergio Buarque believes that Brazil will only become modern and will only have an authentic culture when inspired in national subjects. I will try to analyze Sergio Buarque's position concerning the project of turning Brazil a modern country through the update of the Brazilian culture and its obstacles that impede the achievement of modernity.*

**Keywords:** *Sérgio Buarque de Holanda, Modernism and brazilian culture*

**Résumé:** *Cette étude vise à créer un dialogue entre les critiques littéraires et les textes historiographiques de Sérgio Buarque de Holanda qui ont été publiés dans les années 20 et 30. L'auteur discute l'art et la société de différentes façons, en tant que critique littéraire et penseur social, et soutient l'argument que pour devenir un pays moderne, le Brésil a besoin de mettre à jour sa propre culture tout en respectant ses propres traditions, sans l'importation d'idées étrangères. En tant que critique et membre du mouvement moderniste, Sérgio Buarque estime que le Brésil sera moderne et aura une culture authentique quand inspiré par les affaires nationales. Je cherche d'analyser la position de Sérgio Buarque devant le projet de faire du Brésil un pays moderne en mettant à jour la culture brésilienne et les impasses qui empêchent la réalisation de cette modernité.*

---

\* Barbara Domingos é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ).

---

**Mots-clés:** *Sérgio Buarque de Holanda, Modernisme et Culture Brésilienne.*

---

O primeiro artigo literário de Sérgio Buarque de Holanda foi publicado em 1920 no Correio Paulistano, quando o autor tinha apenas 18 anos de idade. Intitulado “Originalidade Literária”, o artigo falava da importância do Brasil atingir a emancipação intelectual através de uma literatura original inspirada em assuntos nacionais e no “respeito das nossas tradições”. Em 1936, mais de quinze anos após a publicação de seu primeiro artigo, Sérgio Buarque publica *Raízes do Brasil* e afirma que “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” (HOLANDA, 1995, p.31). As frases do autor exemplificam o sentimento de busca por uma identidade nacional presente nos dois momentos de sua obra. O tema da identidade nacional esteve presente não só em Sérgio Buarque, como também em boa parte dos intelectuais que fizeram parte do movimento modernista na década de 20, com isso Sérgio Buarque pôde dialogar com outros importantes autores da literatura brasileira. Seja na arte e na política, ou em outros setores da sociedade, ambicionava-se um país moderno com uma identidade própria.

A entrada do Brasil na modernidade era esperada não só por literatos e pensadores sociais, como por muitos setores da sociedade que tinham interesse numa emancipação política e intelectual do país, sendo uma questão muito discutida pelos grupos de escritores que pensavam a sociedade brasileira da época. Desde o começo do século XX o país se encontrava em crise, a sociedade passava por profundas mudanças e muitos autores sentiam a necessidade de “redescobrir o Brasil”. Portanto, focaram a sociedade brasileira e estavam interessados em fazer uma análise dessa sociedade para tentar compreendê-la a partir da questão da “existência ou não de um ‘tipo próprio de cultura’” (AVELINO FILHO, 1987). Sérgio Buarque de Holanda foi um dos intelectuais que procurou entender essa sociedade que estava se formando e que precisava de uma atualização da sua cultura para se emancipar intelectualmente.

Foi no movimento modernista de 1922, que Sérgio Buarque viu a possibilidade da inserção da cultura brasileira no mundo moderno. Considerada uma resposta às produções culturais feitas no Brasil até aquele momento, voltadas ao academismo e desconectadas da sociedade, o modernismo brasileiro era a possibilidade para que as

transformações desejadas de fato acontecessem. De acordo com Sérgio Buarque, o Brasil sempre teria problemas em se desenvolver se continuasse copiando os modelos culturais e políticos europeus e americanos. Segundo o autor, o caminho do nosso desenvolvimento deveria ser “conforme o nosso temperamento” e o momento era oportuno, pois havia no Brasil “homens que tem se mostrado avessos à mania de americanização de tudo quanto é nacional em desproveito da nossa própria individualidade” (BARBOSA, 1989, p.45). O movimento modernista era visto, não só como um movimento artístico e literário, mas um movimento de mudança e libertação dos preconceitos e regras que afastavam a literatura de grande parte da sociedade.

Mas tornar-se um país moderno quando se é marcado por contradições e sem uma identidade nacional fortemente construída não era uma tarefa fácil. Do fundo do movimento modernista se impunham alguns dos problemas essenciais de nossa chamada realidade: um Brasil tradicional, rural e com antigos problemas sociais e um Brasil que se formava em São Paulo, resultante das novas correntes imigratórias. Na literatura, as influências portuguesas e os recalques históricos, sociais e étnicos presentes na nossa história literária deixavam sempre uma tensão existente entre uma literatura construída inteiramente no Brasil e uma feita nos moldes herdados de uma tradição européia. Diante desta realidade, o movimento modernista expressava todo o seu inconformismo com uma atitude crítica, de sentido destruidor e buscava uma mudança ampla e estrutural da nossa sociedade, tanto no sistema de valores culturais, como estéticos. O Brasil era um país dividido entre o rural e o urbano e com uma população diversificada, era necessária a construção de uma cultura brasileira que afirmasse as identidades coletivas e representasse a consciência nacional.

A principal crítica trazida pelo Modernismo e por autores que participavam deste movimento de renovação artística, como Sérgio Buarque de Holanda, direciona-se à literatura, que por ser a nossa forma principal de pensamento na época deveria estar mais perto da população brasileira e representá-la. Mas, o que se via era um academismo exacerbado, a importação de costumes e teorias e os preconceitos tradicionais. A literatura ainda estava voltada a grupos ligados socialmente à classe dominante e acabava por representar o pensamento conservador brasileiro. A busca por modelos europeus seria a herança de um país colonizado, onde a literatura não nasceu naturalmente, mas se ajustou aos moldes da literatura portuguesa, um país que já possuía uma tradição literária aprovada há séculos. Alguns escritos de Sérgio Buarque

evidenciam uma impressão de que a nossa produção intelectual inscrevia-se num quadro típico de cultura periférica sem eixo próprio. Para o autor, a nossa literatura colonial aparecia “como um movimento contínuo e progressivo visando a um centro de atração que se situa fora de sua órbita” (HOLANDA, 1991, p. 409). Uma das tarefas pretendida pelos modernistas seria explicar através da história a incapacidade do Brasil de criar espontaneamente e trazer uma possibilidade concreta de efetivar a ruptura dos velhos padrões de pensamento, ou seja, romper com as interpretações do saber hegemônico e buscar uma originalidade literária.

As críticas que o movimento modernista trazia eram muitas. Era um movimento que buscava mudanças, sabia-se que era preciso modernizar a arte brasileira, mas era preciso descobrir ainda como se dariam essas mudanças. No início do modernismo, na década de 20, a proposta do movimento ainda não estava clara e Mário de Andrade vai afirmar que “nós não sabíamos o que queríamos, mas sabíamos o que não queríamos (...) o nosso sentido era especialmente destruidor” (ANDRADE, 1990). O que estava claro no início do modernismo era não copiar o que aconteceu em outros países que romperam completamente com o passado por descrédito. O que se propunha no Brasil era a elaboração de uma nova postura estética, sem desqualificar as manifestações artísticas anteriores. O ingresso na modernidade seria uma passagem, uma evolução da arte brasileira e para isso, seria preciso dar lugar ao novo. De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, o indianismo, por exemplo, não deveria ser esquecido, pois tinha um propósito patriótico, por mais que fosse exageradamente sentimentalista. A sua restauração seria insensata, mas a inspiração em assuntos nacionais deveria continuar de acordo com a realidade da população brasileira (BARBOSA, 1989, p.41).

Por mais que Sérgio Buarque de Holanda estivesse falando de inspiração em assuntos nacionais em seu artigo publicado em 1920, esse não era o objetivo central da primeira fase modernista. Segundo Eduardo Jardim de Moraes (1999), a discussão central dos primeiros anos do movimento modernista, gira em torno do que é ser moderno e de como o Brasil chegaria à modernidade. Buscar uma produção artística atualizada, moderna e que representasse a realidade brasileira não levaria o Brasil de forma imediata a um contexto artístico considerado universal, por isso os modernistas da primeira fase foram buscar nas tendências inovadoras européias os instrumentos necessários para efetuar a atualização da produção nacional. A defasagem da produção cultural brasileira em relação aos países europeus, não significava para os modernistas

que o país não pudesse atingir o nível de ordem moderna já alcançada por outros países mais adiantados. A referência para se alcançar a tão esperada modernidade partia dos padrões culturais europeus que estavam em alta, principalmente o futurismo.

No artigo “O Futurismo Paulista” publicado em 1921, Sérgio Buarque fala do futurismo como uma “tendência para o novo” (BARBOSA, 1989, p.52). A idéia inicial do movimento era trazer esse “algo novo”, baseado em autores como Proust e Apollinaire, importar esses instrumentos artísticos e adequá-los de maneira natural a nossa literatura. Mas logo se percebeu entre os modernistas que importar meios expressivos novos e importados dos centros artísticos reconhecidos mundialmente, deixaria o país sempre atrasado em relação às nações ditas cultas. Cada vez que o Brasil importasse um novo meio expressivo, ele precisaria de tempo para ser assimilado pelos artistas e pela sociedade, quando isso finalmente acontecesse, na Europa a nova tendência artística já estaria sendo substituída.

A percepção de que seria improvável o acesso imediato do país na vida moderna em comparação às outras nações fez com que os modernistas passassem a repensar a questão da modernidade. Pensar a modernização como um processo já realizado pelos países centrais, era constatar que o Brasil estaria com sua produção artística sempre atrasada em relação a esses países. Com isso, a partir de 1924, o Modernismo brasileiro, sem abrir mão do ideal universalista, passou a se interessar pelos problemas que diziam respeito à sua identidade e a modernidade deixou de ser buscada de forma imediata. A discussão sobre qual seria o seu caminho e a sua garantia passou a ser a questão central. A mudança de rumo levou o movimento modernista a discutir o papel que o Brasil deveria ocupar no cenário internacional e a questão da brasilidade surge da tentativa de inserção do país neste cenário. Ao invés de seguir características estrangeiras, uma arte moderna no Brasil deveria ser buscada no próprio país e assim ser reconhecida pelas suas características intrínsecas. A contribuição do Brasil para a cultura universal seria feita a partir de sua própria especificidade, o que revitalizaria a arte européia.

A partir de 1924, a segunda fase modernista fincou-se na proposta de um ideal nacionalista e o projeto modernista passou a enfatizar a cultura e as tradições nacionais. Expressar a nacionalidade seria uma forma específica de ingresso do país na vida moderna. A modernização deixou de ser vista como uma atualização e passou a ser pensada a partir da incorporação das peculiaridades brasileiras (MORAES, 1999, p. 29). O sentido de evolução contido no ideal da primeira fase modernista se contrapôs a uma

nova noção, a de reconstrução, feita a partir de especificidades brasileiras que servissem de base para a formação da arte nacional. A inserção do Brasil no cenário mundial se deu através da singularidade nacional. Quanto maior a nacionalidade que a arte pudesse manifestar, mais reconhecimento teria mundialmente. Essa ideia aparece em Oswald de Andrade ao propor no “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” que “Dividamos: Poesia de importação. E a poesia Pau-Brasil, de exportação” (ANDRADE, 2003, p.42).

Para criar uma literatura verdadeiramente nacional era preciso recorrer às nossas mais profundas origens, e o modernismo foi buscar na arte primitiva, no folclore e na etnologia a essência do povo brasileiro. Segundo Antônio Cândido (1980), a geração modernista de meados da década de 20, elaborou uma série de “retratos-do-Brasil” que procuravam exprimir a verdadeira realidade brasileira. Esses retratos deveriam ser fiéis a nossa cultura, o oposto do que era realizado anteriormente. Os modernistas criticavam as representações existentes sobre a realidade brasileira feitas durante nossa história cultural, com o argumento de que não tinham compromisso com a brasilidade. A exaltação da nacionalidade como ocorria no Romantismo não era considerada algo natural, a sociedade brasileira tinha muitos problemas e essa realidade deveria ser retratada e explicada. Por isso, o movimento modernista, na tentativa de redefinir a nossa cultura, buscou unir cultura e realidade para que houvesse uma identificação do povo brasileiro com as produções artísticas aqui desenvolvidas. Segundo Mário de Andrade, criar uma arte brasileira seria “o único meio de sermos artisticamente civilizados” (ANDRADE, 1972).

A adoção de uma postura nacionalista não interferiu no ideal universalista, que continuou presente nos dois tempos do movimento. Mas a mudança de alguns objetivos que ocorreu com a reorientação das ideias iniciais do movimento modernista em 1924, não foi bem aceita por todos os integrantes do grupo. Não pela mudança do tema, pois todos concordavam que a entrada do Brasil na modernidade deveria ser pela valorização dos traços nacionais originais, mas pela adoção do ideal de que uma cultura nacional deveria ser construída. Outro ponto de divergência dos integrantes do grupo foi que temas tão essenciais no início do movimento, como o combate ao pensamento conservador brasileiro presente na academia literária, o estudo do passado com um espírito inteiramente novo, o rompimento com as interpretações do saber hegemônico e o fim do academismo, foram deixados em segundo plano, já que muitos escritores estavam voltados para a ideia de construção. Foi essa mudança de paradigma que levou

Sérgio Buarque de Holanda a discordar do rumo que o movimento estava tomando e começar a apontar as divergências que existiam no interior do modernismo. Em 1924, o autor escreveu um artigo sobre Graça Aranha, colocando algumas dessas divergências e acabou dividindo o movimento modernista.

No artigo publicado na *Revista Estética* com o título “*Um homem essencial*”, Sérgio Buarque ao mesmo tempo em que elogiava Graça Aranha atacava a posição do autor dentro do movimento. Segundo Sérgio, Graça Aranha se destacava ao produzir uma literatura que representava o “espírito moderno”, era um homem essencial e de importante contribuição para a afirmação de nossa individualidade nacional. Uma das características das obras de Graça Aranha era o interesse pela paisagem brasileira e sínteses sociais, com grandes preocupações políticas. Os personagens produzidos por Graça Aranha se diferenciavam por representarem mais uma síntese social do que caracteres psicológicos e privilegiavam características étnicas brasileiras. Mas, para Sérgio Buarque não adiantava mudar apenas a forma de representar os temas nacionais, se problemas oriundos de dentro da Academia Literária não fossem mudados e Graça Aranha por mais que se denominasse modernista trazia com ele características que os grupos radicais do Modernismo pretendiam extinguir, como o academismo.

Em 1925, Sérgio Buarque deixa clara a divergência que existia dentro do movimento modernista, ao publicar um artigo crítico sobre Ronald de Carvalho, pertencente ao mesmo “grupo” de Graça Aranha. Neste artigo, também publicado na *Estética*, Sérgio Buarque junto com Prudente de Moraes, neto, ataca Ronald de Carvalho criticando um de seus livros, “*Estudos Brasileiros*” do qual chama de “simples esboço histórico da nossa realidade social e artística”. Fala da falta de espírito crítico da obra, critica a maneira com que a nacionalidade é tratada e pede uma revisão urgente sobre todos os assuntos nacionais. Contesta algumas opiniões apresentadas por Ronald de Carvalho no livro como a afirmação, referente aos negros, de que “o nosso povo é diretamente oriundo de um grupo étnico inferior sob o aspecto artístico”. As divergências ficam muito mais claras quando Sérgio Buarque fala de como o livro foi preparado, o cuidado com a forma, construções forjadas, retórica, antíteses, características de antigos estilos literários como o parnasianismo e o simbolismo.

O Modernismo propunha o rompimento com os estilos anteriores, mas muitos artistas ainda conservavam em seus trabalhos e no pensamento antigos conceitos, Sérgio Buarque cita como exemplo, a erudição ostentosa e o valor excessivo ao prestígio

universal do talento. O movimento modernista vivia uma crise, estava dividido em grupos que tinham objetivos e atitudes diferentes e Sérgio Buarque deixa isso claro ao falar no artigo sobre Ronald de Carvalho que “os defeitos apontados no livro só são defeitos para um pequeno grupo. É provável, mesmo, que, a não ser alguns modernistas, ninguém possa concordar com o que dissemos” (BARBOSA, 1988, p.65-66).

De acordo com Sérgio Buarque de Holanda, para ser moderno era preciso arrancar as mais antigas raízes que perpetuavam na nossa história literária. Um movimento verdadeiramente moderno e original precisaria romper com atitudes e ideias antigas e assumir uma nova postura dentro da própria academia e só depois seria capaz de representar a realidade brasileira. O Modernismo abriu as possibilidades para que essas mudanças ocorressem, mas com a nova proposta do movimento a partir de 1924, as ideias iniciais foram ficando no passado. Em seus primeiros estudos sobre o americanismo, anteriores à Semana de Arte Moderna, já aparece em Sérgio Buarque o interesse em romper com as interpretações do saber hegemônico e essa crítica nos revela o quanto era urgente para ele, naquela altura, “converter em instrumento de análise objetiva o conjunto das reformulações retóricas que transformavam em imagens pujantes a fisionomia do nosso atraso” (PRADO, 1998, p. 73).

A busca por uma identidade nacional levou muitos autores modernistas a percorrerem um caminho construtivista e o modernista Sérgio Buarque, que iniciou sua carreira interessado na libertação dos velhos preconceitos e regras, percebeu ao passar dos anos que muitos dos seus ideais haviam ficado para trás. Os artigos do jovem Sérgio Buarque mostram o interesse de que o Brasil tivesse uma literatura original e compatível com a nossa tradição e a convicção de que o Brasil deveria ser estudado com um espírito inteiramente novo, ousado e irreverente. Destaca a prosa moderna de alguns dos artistas jovens de São Paulo, como a prosa de Oswald de Andrade, onde se destacava a busca de um nacionalismo sem perder a visão crítica da realidade brasileira, a paródia como uma forma de repensar a literatura e uma análise crítica da sociedade burguesa capitalista. Destacam-se nos jovens artistas modernistas um modo novo de dispor o texto e uma “nova espacialização do material literário” (BOSI, 2006 p. 359).

A análise que Sérgio Buarque faz da primeira fase dos anos 20 mostra também o interesse em trazer as questões urbanas desvinculadas das classes dominantes. Como um crítico literário, Sérgio procurava mostrar esse feito em trabalhos de escritores ainda pouco conhecidos como Lima Barreto e Oswald de Andrade, que estavam interessados

“ora na deformação paródica dos patriarcas que a modernidade arruinava, ora no tratamento direto dos desequilíbrios sociais mais agudos, visíveis, por exemplo, na vida dos subúrbios e nos desvãos que as cidades incorporam” (PRADO, 1998, p. 75). As posições de Sérgio Buarque como um crítico de vocação cosmopolita eram originais. Interessado na literatura mundial, “tentou ligar o chamado futurismo paulista a suas fontes européias”, só que se diferenciou dos jovens futuristas de São Paulo ao ter uma visão que transcendia em parte os alvos localistas dos modernistas. A modernidade para Sérgio Buarque não se resumia num processo eminentemente nacional nem pressupunha, em seus limites, “uma compreensão da cultura e do país unicamente determinada pelo radicalismo primitivista dos chamados futuristas de São Paulo” (PRADO, 1998, p. 76).

Os interesses de Sérgio Buarque estavam completamente voltados para o processo de emancipação intelectual do país e para o autor a busca de nossa identidade era importante por ser a única forma capaz de vencer os obstáculos cada vez maiores das influências de fora. Foi por essa questão que temas como a renovação da arte no Brasil e o aprofundamento da consciência estética fizeram com que Sérgio Buarque se aproximasse do projeto mais avançado de Mário, Oswald, Alcântara Machado e Manoel Bandeira e se distanciasse de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Renato Almeida e Guilherme de Almeida. Mas ao perceber que Mário de Andrade adere ao chamado princípio de construção, Sérgio Buarque acaba se isolando no Movimento. O jovem Sérgio não entendia como Mário de Andrade, por exemplo, a quem sempre tomou como mestre ao longo da vida, “pudesse então admitir a idealização, a criação, em suma, diz ele, de uma elite de homens inteligentes e sábios, capazes de nos impor uma experiência e um projeto fechados” (PRADO, 1998, p. 77).

Apesar das críticas de Sérgio Buarque, Mário de Andrade e outros escritores, como Oswald de Andrade, acreditavam que não era possível apenas identificar as causas dos problemas que faziam com que o Brasil se encontrasse atrasado em relação às nações européias, era preciso um projeto de ação. Um grupo dos modernistas, do qual Mário de Andrade era um de seus principais representantes tinha como objetivo construir uma cultura brasileira. Mário de Andrade afasta-se de Sérgio Buarque de Holanda ao voltar suas obras para um projeto inteiramente construtivista. Com a mudança de rumo do movimento modernista a partir de 1924, onde foi de fundamental importância, Mário de Andrade centra seu projeto na construção de uma identidade

nacional por meio da cultura, projeto que marcou seu trabalho e um ideal que prevaleceu para muitos autores durante a segunda fase modernista. Mas o projeto de Mário de Andrade foi além de simplesmente apresentar a “coisa” nacional aos brasileiros, o ideal de Mário era formar a cultura brasileira, pois através da cultura, um país plural como o Brasil encontraria a sua unidade.

A busca por uma identidade nacional para que o Brasil se tornasse um país moderno foi um ideal também compartilhado por Sérgio Buarque de Holanda. O autor voltou seus interesses, no primeiro momento modernista, para as relações entre o processo de emancipação intelectual e os mecanismos que possibilitariam a emancipação política do país e do continente, “aos quais ele associa a busca da nossa identidade como única forma capaz de vencer os obstáculos cada vez maiores das influências de fora” (PRADO, 1996). A confiança no movimento modernista como capaz de emancipar a arte brasileira é tão grande que em 1925, Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto, deram uma entrevista, para o Correio da Manhã do Rio de Janeiro, onde defenderam os ideais modernistas e falaram sobre a necessidade de “achar por nós mesmos o nosso caminho”. O modernismo, para os autores, corresponderia “em toda parte a uma exaltação de nacionalismo” e estaria pronto para enfrentar o problema da importação de outros modelos culturais. Sérgio Buarque complementa na entrevista que o momento é de “transpor integralmente para o plano da criação artística o nosso estilo nacional” (BARBOSA, 1988, p.50).

Para Sérgio Buarque, buscar uma identidade nacional com o objetivo de dar um estilo nacional à arte brasileira era bem diferente de construir uma identidade nacional. Um movimento de renovação artística para o autor deveria ser livre, sem regras, sem ideias pré-fixadas e a palavra “construção” pressupunha algo fechado. Por isso, Prudente de Moraes Neto termina a entrevista dizendo que o modernismo não é uma escola, mas “um estado de espírito”. O espírito moderno era livre e intelectuais, como Mário de Andrade, ao assumir um propósito construtivista, se afastavam desse ideal de liberdade, pois estavam assumindo para eles a tarefa de conduzir os brasileiros à sua nacionalidade. Sérgio Buarque que via os futuristas como prontos a desencadear o que antevia como “um movimento de libertação dos velhos preconceitos e das convenções sem valor, único no Brasil e na América Latina” (BARBOSA, 1988, p.51), agora via de forma crítica, a criação de uma elite de homens inteligentes e sábios capazes de impor aos brasileiros uma nacionalidade construída e um projeto fechado.

Sérgio Buarque de Holanda reconhece avanços no projeto de construção do grupo de Modernistas representados por Mário de Andrade e reconhece na Obra de Oswald de Andrade que o burguês brasileiro aparece pela primeira vez retratado com características nacionais e admite que o *Miramar*, personagem de Oswald, pode ser considerado um personagem moderno. Apesar disso, Sérgio Buarque discorda de Oswald ao insistir na excessiva distância entre a forma e a sociedade, a técnica e o contexto que está inserido. A questão do “falar brasileiro” e do “escrever brasileiro” presente em *Miramar* também é criticada por Sérgio, “pois ao mesmo tempo em que acabou com o erro de português, criou o erro de brasileiro. Daí a necessidade de puxar o tema para as particularidades de seu contexto e para a função social de seu significado” (PRADO, 1998, p. 78). Segundo Sérgio Buarque, como ninguém fala o *brasileiro* de *Miramar*, a construção da linguagem entra em contradição, pois vive apenas na formulação de símbolos, não importando o bom trabalho feito com tanto empenho por Oswald de Andrade.

De acordo com Sérgio Buarque, faltou observar que:

A nova língua em formulação precisava fixar determinadas normas que convinhassem unificar, deixando as exceções para mais tarde, como aconteceu com os grandes criadores que – a seu ver – só puderam ser grandes na medida em que se conformaram com o uso, circunstância que implica um caminho e intervenção sociais mais árduos para o escritor interessado em converter-se – segundo ele – em criador brasileiro. (PRADO, 1998, p. 78).

Sérgio Buarque continua as suas críticas aos modernistas ao analisar o livro de viagens *Pathé-baby*, de Alcântara Machado. Para o autor, o escritor modernista, em geral, está pouco atento às referências que estão sob o texto, pois mesmo diante de circunstâncias concretas e de claras representações culturais não conseguem se livrar das descrições ostentosas e, por mais modernas que possam parecer, remetem a tradição lírica e uma retórica que os modernos se empenharam tanto em combater.

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, Alcântara Machado e a maioria dos modernistas, apesar de aparentarem o contrário, não demonstravam verdadeiramente um interesse pelo Passado ou pela história e sim pelo que cada um acreditava que fosse original e moderno. Dessa forma, Sérgio Buarque assumiu um tom crítico singular dentro do movimento quando viu que o estilo acadêmico continuava prevalecendo na

literatura. A posição de Sérgio fica clara quando ele rompe com Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia e o grupo Anta, Ronald de Carvalho, Graça Aranha, entre outros e diz que não são modernistas criadores e sim “acadêmicos, *modernistas da ordem*, fáceis de incorporar ao espírito depois transposto como um dos argumentos centrais de Raízes do Brasil” (PRADO, 1998, p. 80).

Em relação aos modernistas mais revolucionários como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, por mais que Sérgio Buarque respeitasse e compartilhasse de alguns de seus ideais, acreditava que seus trabalhos não passavam de uma realidade artificial, pois não alcançavam à vida da população. Para Sérgio Buarque, tanto os modernistas radicais como os do grupo conservador estariam integrados, considerando as diferenças de talento, no mundo das ideias, escapando da verdadeira realidade brasileira. Segundo Sérgio, todos os autores dessa época revelariam a mesma fragilidade e falta de consistência em seus trabalhos. Mário e Oswald de Andrade são unidos à crítica, pois seus objetivos de promover uma ruptura sistemática, a dissidência radical e solene e a crença numa revolução inteiramente voltada para dentro, “continha os desvios da abstração formal exasperada, depois convertida nas certezas na Antropofagia e no alarme inaugural do movimento Pau Brasil” (PRADO, 1998, p. 80).

Foi a partir do artigo “O lado oposto e outros lados”, publicado em 1926 na Revista do Brasil, que Sérgio Buarque de Holanda se afastou do Movimento Modernista. Nele o autor rompeu com todas as diplomacias e políticas literárias que ele ainda prezava dentro do Movimento. A crítica do autor volta-se ao construtivismo, dizendo que os autores “insistem sobretudo nessa panacéia abominável de construção” e diz não aceitar a opinião daqueles que acreditam possuir todas as chaves que levarão a uma arte de expressão nacional. Segundo Sérgio Buarque de Holanda, o que esses autores idealizavam era somente a criação de uma elite de homens inteligentes e sábios, mas que afastados da terra e do povo tinham como única intenção impor uma hierarquia aos jovens com idéias inovadoras, libertos de qualquer paradigma e conceitos. O artigo admitia os progressos que o Brasil conquistou na arte, como o fim do “idealismo impreciso” e da “retórica vazia”, mas considera que ainda era muito pouco, pois enquanto existirem autores que cultivem o academismo, representem o espírito acadêmico e utilizem de uma linguagem ainda atrasada em suas obras, a literatura brasileira não se modernizará e continuará presa no “artificial”.

As críticas de Sérgio Buarque de Holanda ao construtivismo eram motivadas por acreditar que a nossa arte “não surgirá, é mais que evidente, de nossa vontade, nascerá muito mais provavelmente de nossa indiferença” (BARBOSA, 1988, p.86). A opinião de Sérgio Buarque não indica que devemos ter uma atitude de indiferença absoluta quanto ao problema, ele só não aceita a opinião daqueles que “acreditam possuir todas as chaves que levarão a uma arte de expressão nacional”. A grande preocupação do autor refere-se à liberdade. Os chamados construtivistas, ao nos impor uma hierarquia e estabelecerem uma ordem, poderiam “tolher nossa liberdade, que é o que temos de mais considerável”. É exatamente neste ponto que Sérgio Buarque se afasta de boa parte dos integrantes do Movimento Modernista. E mesmo diante do grupo que apoiava, os “primitivistas”, não escondia acreditar que “o país não estava em condições sociais de poder dar origem a uma literatura inteiramente própria e ao mesmo tempo universal.

Foi no modernismo que Sérgio Buarque viu a possibilidade de uma ação efetiva contra o rebuscamento que afastava a literatura da população, quando essa ação não se concretizou ele se afastou não só do movimento, como da literatura. É no ano de 1927, um ano após a publicação do artigo “O lado oposto e outros lados”, que Sérgio Buarque que já havia se afastado do modernismo rompe com a literatura ao ponto de desfazer-se de seus livros para isolar-se no Espírito Santo (PRADO, 1996). Poucos anos depois, utilizando as experiências aprendidas com o modernismo, Sérgio Buarque de Holanda escreve “Raízes do Brasil”, obra em que aparecem muitas de suas críticas direcionadas aos intelectuais que fizeram parte do movimento. Publicada em 1936, a importante obra de Sérgio Buarque usa esses intelectuais como modelo para mostrar a simulação intelectual e as aparências da retórica que existiam na academia literária no Brasil, tão caras ao bacharelismo e que tão bem explicam o sucesso do positivismo no país (PRADO, 1998).

É em “Raízes do Brasil” (1936), que Sérgio Buarque retoma de modo consistente o problema na formação dos intelectuais brasileiros. É nesta obra que ele vai falar da facilidade com que os intelectuais brasileiros se utilizam de doutrinas dos mais variados tipos e de como sustentam as convicções mais díspares. Para isso, basta que tais doutrinas e convicções venham com “palavras bonitas e argumentos sedutores”. Para esses brasileiros que se presumem intelectuais, não importa se existem contradições de ideias, pois um dos aspectos do caráter do brasileiro seria o amor pelas leis genéricas e o valor do prestígio da palavra escrita. Ao valorizarmos em nossa

formação um rebuscamento da linguagem falada e escrita, conseqüentemente nos afastamos da linguagem usada no cotidiano. Como todas as teorias que têm nomes estrangeiros e difíceis, “constituí a verdadeira essência da sabedoria”, falta interesse de nossos intelectuais de usar uma linguagem que aproxime suas obras da grande parcela da população com menor instrução.

Outro tema retomado por Sérgio Buarque em “Raízes do Brasil” é a importação de modelos estrangeiros. Segundo o autor, os problemas políticos e sociais da sociedade brasileira são frutos de uma tentativa forçada de copiar modelos culturais europeus que nem sempre eram favoráveis ao nosso ambiente. Desde a origem de nossa sociedade, convivemos e aprendemos a conviver com modelos culturais estrangeiros que pertencem a “outro clima e outra paisagem”. A falta de coesão em nossa vida social existiria desde o início da formação de nossa sociedade, já que a cópia de modelos culturais, primeiro de Portugal, de onde vem à forma atual de nossa cultura e depois de outras partes do mundo, nos impediria de formar uma identidade sólida. Acreditar que isso seria um fenômeno moderno era um erro para Sérgio Buarque, que volta a criticar em “Raízes do Brasil”, a busca de uma solução contra a desordem na volta a certa tradição idealizada por alguns eruditos. Sérgio não acreditava em regras e modelos para que encontrássemos nossa identidade, para ele, daí viria “a instabilidade constante de nossa vida social” (HOLANDA, 1995, p.40).

A valorização de uma linguagem rebuscada pelos nossos intelectuais e a cópia dos modelos estrangeiros acabou influenciando a nossa literatura. Os poetas românticos brasileiros, por exemplo, acabaram fazendo de “nossa natureza tropical uma pobre e ridícula caricatura das paisagens arcádicas”. Ao lermos a literatura romântica e seus versos, seja exaltando a nossa pátria, sejam seus versos depressivos, não podemos desconsiderar sua afetação, se observarmos a verdadeira realidade social brasileira. De acordo com Sérgio Buarque, “tornando possível a criação de um mundo fora do mundo, o amor às letras não tardou em instituir um derivativo cômodo para o horror à nossa realidade cotidiana” (HOLANDA, 1995, 162). Para o autor, todo o nosso pensamento social dessa época revelaria a mesma fragilidade e inconsistência ao representar o conjunto social. E esses intelectuais, mesmo quando voltavam seus trabalhos a organizar e cuidar de coisas práticas eram, em geral, “puros homens de palavras e livros, não saíam de si mesmos, de seus sonhos e imaginações. Tudo assim conspirava

para a fabricação de uma realidade artificiosa e livresca, onde nossa vida verdadeira morria asfixiada” (HOLANDA, 1995, p. 163).

Sérgio Buarque termina “Raízes do Brasil” retomando mais uma vez um de seus argumentos da fase modernista de que “não será pela experiência de outras elaborações engenhosas que nos encontraremos um dia com a nossa realidade” (HOLANDA, 1995, p. 188). O Brasil só se desenvolverá ao utilizar suas próprias forças naturais, seria um desenvolvimento de dentro para a fora e não de fora pra dentro como se precisássemos da aprovação dos outros para mudar o nosso rumo. Como disse em resposta a Graça Aranha em 1925, “a nossa condição por muito tempo será trabalhar na sombra, em silêncio, por assim dizer, absorvendo a matéria nacional, plasmando-a, mas sem desfalecimento e sem renúncia” (BARBOSA, 1988, p. 29), só assim atingiríamos um desenvolvimento. Seria preciso encontrar a nossa essência, e como diz em “Raízes do Brasil”, “um mundo de essências mais íntimas”, esse sim permaneceria sempre intacto, e poderíamos nos desenvolver em nosso próprio tempo e ritmo.

Tanto nas críticas literárias e na participação no movimento modernista, como em “Raízes do Brasil”, Sérgio Buarque de Holanda sustentou suas ideias e mostrou nessas duas fases de sua carreira uma preocupação com a emancipação intelectual do país. Segundo o autor, para que haja essa emancipação, é preciso respeitar a nossa tradição, entender nossos limites, nosso ritmo e as características de nossa sociedade. Antes de pensarmos numa modernidade aos moldes europeus, seria preciso uma atualização de nossa cultura, mas uma atualização inspirada em assuntos nacionais e não em modelos e regras importadas, só assim teríamos uma identidade nacional e encontraríamos nossa própria forma de entrar na modernidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário. *O Movimento Modernista*. In: BERRIEL, Carlos E. O (org). *Mário de Andrade hoje*. São Paulo: Editora Ensaio, 1990.

ANDRADE, Mário de. *Aspectos da Literatura brasileira*. São Paulo: Martins/ INL, 1972.

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto da Poesia Pau-Brasil*. São Paulo: Editora Globo, 2003.

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropofágico*. São Paulo: Editora Globo, 2003.

AVELINO FILHO, George. “As raízes de Raízes do Brasil”. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 18:33-41, 1987.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: 43ª. ed, Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: 6ª. ed, Editora Nacional, 1980.

CANDIDO, Antônio. *O significado de “Raízes do Brasil”*. In: \_\_ Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CANDIDO, Antônio. *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de Literatura Colonial*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra: estudos e crítica literária 1, 1902-1947: volume 1/ organização de Antonio Arnoni Prado*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Espírito e a Letra: estudos e crítica literária, 1947-1958: volume II/ organização de Antonio Arnoni Prado*. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAES, Eduardo Jardim de. *Limites do Moderno: o pensamento estético de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

MORAES Eduardo Jardim. *Modernismo revisitado*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 1998.

PRADO, Antônio Arnoni. *Raízes do Brasil e o Modernismo*. In: Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

PRADO, Antônio Arnoni. Introdução de “*O Espírito e a Letra*”. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. Brasília: Editora Vozes, 3º ed., 1976.